

**CONCEPÇÕES DE SAÚDE, CURA E DOENÇA****NO ETHOS NOVA ERA: UM ESTUDO PILOTO****ENTRE TERAPEUTAS HOLÍSTICOS****DE SÃO PAULO E FLORIANÓPOLIS<sup>1</sup>**

Silas Guerriero<sup>2</sup>, Ana Luisa Proserpi Leite<sup>3</sup>, Carlos Bein<sup>4</sup>, Fabio Mendia<sup>5</sup>, Fábio Leandro Stern<sup>6</sup>, Leonardo Martins<sup>7</sup>

**Resumo:** *o presente artigo discute os aspectos teóricos ligados à formação do ethos nova era e sua influência nas concepções de saúde, cura e doença. Foi realizada pesquisa de campo entre 2018 e 2019 em São Paulo e em Florianópolis. O método de coleta foi o de entrevistas semiestruturadas com terapeutas holísticos. Foi observado que essa concepção está marcada pelo desenvolvimento pessoal e evolução da consciência como caminho para a salvação espiritual. Além disso, a busca da harmonia entre corpo, mente e espírito é um dos supostos requisitos para esse crescimento. Foi constatado que essa harmonia é uma das principais metas das terapias holísticas da Nova Era.*

**Palavras chave:** *Nova Era. Curas energéticas. Holismo. Espiritualidade. Saúde.*

1 Recebido em: 16.10.2019. Aprovado em: 15.11.2019.

2 Doutor em Ciências Sociais (PUC-SP). Líder do Núcleo de Estudos de Novas Religiões e Novas Espiritualidades (PUC-SP). Professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião (PUC-SP). *E-mail:* silasg@pucsp.br

3 Mestre em Ciência da Religião (PUC-SP). Pesquisadora Núcleo de Estudos de Novas Religiões e Novas Espiritualidades (PUC-SP). *E-mail:* isaproserpi@hotmail.com

4 Mestre em Ciência da Religião (PUC-SP). Pesquisador Núcleo de Estudos de Novas Religiões e Novas Espiritualidades (PUC-SP). *E-mail:* carlosbein@uol.com.br

5 Doutor em Ciência da Religião (PUC-SP). Pesquisador do Núcleo de Estudos de Novas Religiões e Novas Espiritualidades (PUC-SP). *E-mail:* fmendia@uol.com.br

6 Doutor em Ciência da Religião (PUC-SP). Vice-Líder do Núcleo de Estudos de Novas Religiões e Novas Espiritualidades (PUC-SP). Bolsista PNPd/CAPES pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião (PUC-SP). *E-mail:* flstern@pucsp.br

7 Doutor em Psicologia Social (PUC-SP). Pesquisador do Núcleo de Estudos de Novas Religiões e Novas Espiritualidades (PUC-SP), do Inter Psi - Laboratório de Psicologia Anomálica e Processos Psicossociais (USP) e do LabPsiRel - Laboratório de Psicologia Social da Religião (USP). *E-mail:* leobremartins@usp.br

**A** doença e a cura possuem componentes profundamente socioculturais que acompanham a humanidade desde seus momentos iniciais. Embora muitas vezes preterido pela perspectiva biomédica, o mecanismo saúde-doença é repleto de significações que não apenas identificam as doenças como também auxiliam em suas recuperações.

O mundo das crenças não se separa das dimensões da vida de qualquer indivíduo. Por isso, para melhor compreender a relação saúde-doença e os sistemas médicos das diferentes sociedades, é importante olhar, também, para os universos mágico-religiosos envolvidos. Não há conhecimento de nenhuma sociedade, no tempo e no espaço, que não tenha criado um sistema médico que busque dar conta da morte e das enfermidades. Portanto, compreender as doenças e os tratamentos, sem descartar seus processos biológicos, requer um olhar apurado que leve em conta todo contexto sociocultural envolvido. A cultura, com todos os seus componentes de crenças, interfere tanto na constituição e classificação das doenças como também, de maneira evidente, na construção e na percepção das curas. Os processos de saúde e doença precisam ser compreendidos a partir dos diferentes contextos históricos, sociais, culturais e religiosos (MINAYO, 1991). Em outras palavras, o componente social faz parte da construção da etiologia das doenças (explicação das origens) e da consequente busca de tratamentos para elas.

Tal não poderia ser diferente em nossa sociedade desse primeiro quarto de século. Contrário às sociedades tradicionais, em que o processo de compreensão das doenças e de seus tratamentos são mais unificados, em nossa sociedade altamente complexa a noção de saúde-doença perpassa inúmeras concepções muitas vezes contraditórias, desde a visão biomédica e científica baseada em evidências até às mais tradicionais e mágicas, passando pelas curas religiosas de diferentes vertentes. O *ethos* nova era que perpassa nossa sociedade acabaria, pois, por interagir de algum modo com os sistemas médicos.

O conceito de *ethos*, embora tenha uma origem anterior, foi muito utilizado pela antropologia culturalista norte-americana para a qual *ethos* compreende tudo aquilo que diz respeito aos valores subjetivos, não necessariamente ditos objetivamente. É o tom, o caráter da vida, o estilo moral e estético, e compreende as disposições frente ao mundo. Sendo assim, o *ethos* não é necessariamente ensinado, mas acaba internalizado a partir do contexto social mais amplo. De maneira geral, podemos dizer que o *ethos* forma o “caldo cultural” de uma época. É tendo isso em mente que falamos de um *ethos* nova era.

Há características dessa Nova Era que influenciam sobremaneira nossas concepções sobre doença e cura. Em primeiro lugar, uma de suas características centrais diz respeito à importância de se ser saudável, que envolve ter o corpo e a mente saudáveis. Há, assim, uma forte preocupação com a saúde corporal e mental, também relacionadas na Nova Era com a espiritualidade. Além do mais, distante de qualquer separação entre ciência e conhecimento mágico-religioso, o *ethos* nova era procura integrar tais saberes naquilo que muitas vezes é denominado como uma “ciência espiritualizada”. Disso resulta uma plêiade

de tratamentos médicos que se dizem científicos, mas se apoiam em crenças e tradições religiosas diversas. Temos, portanto, a formação de um sistema médico nova era, ou vários subsistemas médicos, dependendo de como os enxergamos. Assim, um indivíduo é capaz de transitar tranquilamente entre as terapias holísticas da Nova Era, ir ao médico e ao curandeiro, e a uma igreja que promete a cura milagrosa, sem qualquer crise pessoal de inteligibilidade e coerência.

Laplantine e Rabeyron (1991) trabalham com a ideia de que há medicinas paralelas à oficial. A medicina científica se coloca como a portadora legítima de um saber específico e verdadeiro, desmerecendo os demais sistemas médicos paralelos. Os saberes populares, em geral, associados a universos religiosos de diferentes matrizes (católicas, pentecostais, de matriz afro, espírita ou indígena) constituíram, ao longo da história do Brasil, um amplo conjunto de medicinas paralelas, sempre utilizadas por amplas parcelas da população, muitas vezes em complemento ou substituição ao sistema oficial.

A própria Nova Era, nosso objeto neste artigo, também constituiu um sistema médico próprio, compreendendo vários outros subsistemas em seu interior, que possuem um discurso próprio, peculiar, que procura atrelar o que se entende em senso comum por conhecimento científico com noções de crenças religiosas, que não são vistas enquanto tais, mas sim como partes de uma sabedoria maior, de uma ciência ampliada e espiritualizada.

Para compreender as terapias holísticas, é necessário ter em conta os elementos centrais do *ethos* nova era que o aproximam do universo mágico-religioso. Parte-se do princípio de que o indivíduo é o responsável pela sua integralidade física, mental e espiritual. O bem-estar é almejado como um caminho para a salvação espiritual. Corpo saudável, mente tranquila e espírito elevado formam uma tríade interdependente. A meta final é a evolução da consciência, que seria o alcance da plenitude. Consequentemente, as terapias holísticas da Nova Era não visam apenas a cura física. O indivíduo é o responsável, portanto, pela sua própria salvação, e utiliza das terapias holísticas como caminho.

O presente artigo parte de um levantamento descritivo com enfoque qualitativo, realizado entre terapeutas holísticos nas cidades de São Paulo e Florianópolis entre os anos de 2018 e 2019, buscando discutir as relações entre as terapias então praticadas e os componentes do *ethos* nova era. O método de captação de participantes foi a amostragem não probabilística por julgamento. Os onze entrevistados foram selecionados a partir da aplicação de uma Escala Likert de mensuração de aderência ao *ethos* nova era, dentre terapeutas que trabalham nos centros de cura holística nas cidades de São Paulo e Grande Florianópolis. Essas cidades foram escolhidas por sediarem os únicos cursos de graduação em naturologia do Brasil com reconhecimento do MEC. Esses cursos formam terapeutas holísticos e contribuem para a disseminação do *ethos* nova era entre esses profissionais. Além disso, a composição do grupo de pesquisa favoreceu a realização das entrevistas nestas cidades. O instrumento de coleta de dados foi o de entrevista semiestruturada e a análise dos resultados se deu

através da metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2009). Como se trata de uma pesquisa em andamento, os resultados aqui apresentados ainda são parciais e tiveram como foco central as concepções de saúde, cura e doença desses terapeutas. Essa pesquisa seguiu os parâmetros éticos de pesquisas com seres humanos norteados pelas resoluções MS/CNS 466/12 e MS/CNS 510/16 do CONEP.

## A NOVA ERA E A RELIGIÃO

“Nova Era” é um termo nativo, criado pelos próprios participantes de um movimento eclodido nos tempos da contracultura dos anos 1960, mas com raízes muito mais antigas. Inicialmente chamada de “Era de Aquário”, a partir dos anos 1980 foi sendo cada vez mais identificado pelo termo “Nova Era” devido à expectativa de um novo tempo de desenvolvimento humano e crescimento espiritual. Se nos primeiros momentos as crenças e práticas estavam restritas a seus integrantes, com o tempo esses valores passaram a fazer parte do espectro maior de crenças da sociedade contemporânea. Então, pode-se falar de um *ethos* nova era (GUERRIERO *et al.*, 2016).

A Nova Era não é propriamente uma religião, mas possui diversos elementos religiosos. Como entender esse aparente disparate? Estamos tratando de algo relacionado ao campo das religiões, ou mais precisamente, do campo das novas espiritualidades. Dizer que a Nova Era é religião é uma tarefa delicada, pois seus próprios adeptos, se assim podemos chamá-los, em geral não acatam a ideia de pertencimento a uma religião. A Nova Era não possui corpo sacerdotal, tradição, mitos originais, livros sagrados, dogmas, estrutura organizacional, rituais específicos ou quaisquer outros elementos que, durante muito tempo, foram entendidos como requisitos necessários ao reconhecimento de uma religião.

Continuar identificando a Nova Era ao campo das religiões, porém, pode facilitar a nossa compreensão de alguns de seus aspectos instáveis. Trata-se, portanto, de uma ferramenta analítica que nos permite enxergar o que possivelmente não veríamos a partir de um outro ângulo. Willian Paden (2012) trabalhou com a noção de que aquilo que vemos como religião é uma questão de perspectivismo. O que dizem e pensam seus praticantes é muito diferente do que pensam os estudiosos do assunto, como cientistas da religião, psicólogos, cientistas sociais e historiadores.

É muito comum, atualmente, um indivíduo deixar de pertencer a uma tradição religiosa – a da sua família de origem, por exemplo –, e passar a praticar uma ou mais religiões, ou até mesmo parte delas. Ou ainda, é possível, e mesmo comum, continuar se identificando como membro de uma religião e, mesmo assim, praticar e aderir aos valores de outro conjunto de crenças. Essa talvez seja a marca maior e mais prevalente no campo da Nova Era. Os marcos diacríticos entre as religiões até então instituídas ficam cada vez mais sutis, e suas fronteiras, mais porosas. Há, também, algo que soa mais desconcertante:

as inúmeras vivências da Nova Era que não se definem como religiosas, que estão longe das formas institucionalizadas tradicionais, mas que guardam, ao menos aos olhos do estudioso, algum elemento religioso.

Para melhor enxergar a Nova Era, é preciso compreendê-la não como uma religião específica, mas como um recorte de características sociais muito mais amplas e não restritas ao universo religioso. Segundo Steven Sutcliffe (2013), a grande dificuldade em demarcar o campo da Nova Era está justamente na nossa taxonomia das formações religiosas a partir de uma concepção de religiões mundiais. A maneira tradicional de enxergar as religiões, segundo ele, impede que vejamos novas realidades, entre elas a Nova Era. Para muitos dos adeptos das práticas nova era no Brasil, não se pode falar em uma religião e nem mesmo em um pertencimento religioso. O próprio termo “adepto” não seria o mais adequado. Poucos se reconhecem como novaeristas, principalmente porque se tornou, a partir dos anos 1990, sinônimo de algo superficial e comercial (MAGNANI, 2000). No entanto, não é possível escamotear aquilo que as pessoas estão realmente fazendo. E isso implica em reconhecer que há muito de Nova Era em nossa sociedade.

Falar de Nova Era não é ficar restrito ao campo religioso. Para além das esferas sociais compartimentadas, indo muito mais na sequência de uma característica denominada pelo meio como holística, os elementos da Nova Era hoje permeiam a cultura como um todo. Concordando com Paul Heelas (2008) e Wouter Hanegraaff (1999), a categoria de análise que melhor se adequa a essa realidade é a de espiritualidades e não a de religião. Afinal, não estamos diante de formas institucionalizadas e organizadas, que regulam a vida dos indivíduos em torno de uma promessa de salvação. Trata-se de uma busca daquilo que se acostumou denominar de elevação espiritual. Essa espiritualidade passa pela crença na existência de uma realidade mais ampla do que aquela que está empiricamente diante de nós.

Seja na saúde, no meio profissional, na relação com a família e amigos, essa espiritualidade indica uma realidade profunda e tida por verdadeira. Os elementos centrais dessa visão de mundo, raramente enfatizada explicitamente, são de cunho metaempírico. A seguir, sintetizamos as principais crenças novaeristas (GUERRIERO *et al.*, 2016):

“O cosmos não se resume a um amontoado de elementos materiais, mas faz parte de uma grande teia de significados e de uma consciência mais ampla, muitas vezes chamada de “energia””.

Essa consciência cósmica assume muitas vezes o papel de Deus.

O indivíduo é uma centelha dessa energia cósmica, compreendido enquanto um ser de corpo, mente e espírito, e que deve procurar um caminho de elevação da consciência em busca da perfeição. Esse caminho não cessa com a morte física, mas continua nas muitas vidas subsequentes.

A espiritualidade não é entendida como uma questão de aceitar doutrinas formuladas por outros, mas sim como uma busca altamente individual, que deve se basear na experiência pessoal. A tarefa do ser humano na Nova Era é a de, individualmente ou coletivamente, transformar o mundo em um lugar entendido por eles como melhor, adotando a visão espiritual. Embora envolvam vários âmbitos da vida social, há um eixo central no conjunto dessas crenças, e esse eixo é de cunho religioso e espiritual. Envoltos nos diferentes âmbitos da vida social, não exclusivamente religiosos, esses valores se tornam cada vez mais correntes, difusos e arraigados na nossa sociedade.

Convém lembrar, ainda, a porosidade das fronteiras entre as denominações religiosas constituidoras de identidades. Não existem culturas puras, e combinações sincréticas são a regra geral. No contexto atual, as trocas são cada vez mais intensas e constantes, permitindo um maior intercâmbio entre religiões distintas sem o perigo de crise de identidade do sujeito que manipula os bens simbólicos. Não há limites para as novas combinações entre elementos das religiões das mais diversas, que agora chegam ressignificadas com composições daquilo que se entende popularmente por ciência, criando um novo universo onde tradições são inventadas a cada momento.

Os elementos básicos do movimento dos anos 1960 passaram a ser difundidos na sociedade mais ampla, inclusive assumindo ares comerciais, e estabeleceram composições com inúmeros outros elementos culturais, não apenas, mas inclusive, religiosos. Embora não focando o elemento místico como eixo central de suas vidas, os indivíduos passaram a construir suas vidas em busca daquilo que compreenderam como verdade última. O elemento central e constituidor do que poderíamos denominar como mito fundante da Nova Era é justamente a busca de uma realidade mais profunda e genuína que se encontra no interior do próprio ser. Esse é o significado maior daquilo que foi chamado de espiritualidade do self (D'ANDREA, 2000; HEELAS, 1996). Os valores originados num núcleo social como os agentes da Nova Era, acabam se espraiando na sociedade mais ampla, fazendo parte, junto a tantos outros, do sistema de valores de um dado momento histórico. Pode-se afirmar que os valores nova era não são mais estranhos nos dias atuais. Um sujeito, mesmo católico ou evangélico, é capaz de afirmar algumas das características constitutivas da Nova Era (GUERRIERO *et al.*, 2016).

Ainda que sem participar de grupos nova era, ou sem explicitamente professar seus princípios, um indivíduo da sociedade atual acaba tendo contato com uma ampla faixa dos novos valores. Cada vez mais esses são passados através dos meios de comunicação ou transmitidos entre os próprios indivíduos.

O conceito de “espiritualidade de vida” (HEELAS; WOODHEAD, 2005) permite que nos aproximemos do que estamos procurando definir como *ethos* nova era. Essas espiritualidades de vida implicam uma nova postura das pessoas em relação às suas experiências religiosas. Entre os traços mais significativos apontados pelos autores está o da autonomia do indivíduo, que não se inicia, necessariamente, no meio religioso, mas o perpassa significativamente.

O estudo dos dois autores apontou para o fato de que as pessoas estão menos suscetíveis a seguirem o que é determinado pelas autoridades e passam, elas mesmas, a procurar caminhos que consideram mais significativos de uma vida mais autêntica. Isso se dá em diferentes campos sociais para além do religioso. O grande alimentador do *ethos* nova era é a ampla rede de buscadores espirituais que formam a comunidade alternativa nova era. É razoável tratar seus agentes como buscadores, visto que esta espiritualidade é uma “religião do eu”, ou *self-religion* (DE LA TORRE, 2014). Os indivíduos encontram-se em busca de uma evolução espiritual, um crescimento com responsabilidade e autonomia. Forma-se uma ampla rede de buscadores espirituais que trocam experiências e ampliam seus horizontes, difundindo cada vez mais os valores nova era (AMARAL, 2000). Quanto mais trocas na rede, mais esses valores se difundem na comunidade expandida, ampliando o *ethos*.

Nesse novo *ethos*, há um clamor pela sustentabilidade e pela defesa da natureza. De acordo com esse referencial, a ruptura da natureza, provocada pela sociedade industrial, acarretou na ruptura do ser humano com o todo, com o *holos*. Assim, uma prática médica novaerista pode ser considerada em seu sentido holístico de conexão entre o eu interior, a natureza e o cosmos, a mente, o corpo e o espírito, impulsionando a evolução da consciência.

## O SISTEMA MÉDICO DA NOVA ERA

A percepção de organismo da Nova Era parte de uma concepção vitalista. Os organismos vivos são vistos como dotados de um princípio vital, um elemento metafísico que os diferencia dos elementos materiais. Esse princípio vital, muitas vezes identificado como uma fonte divina ou como o próprio amor, se encontra no interior de cada indivíduo.

Essa característica é fundamental para a compreensão do sistema médico da Nova Era. Em outros termos, essa concepção vitalista resultará tanto nas compreensões das causas das doenças quanto em seus tratamentos. Mesmo quando se sabe que o agente causador é externo (por exemplo, uma bactéria), a perspectiva vitalista busca uma interpretação para além do físico, relacionada ao campo de energia vital e à consciência do enfermo. Acredita-se que essa pessoa não apenas poderia ter evitado a enfermidade como ainda, com sua força de pensamento, agir na sua recuperação e tratamento médico.

Uma vez que essa concepção difundida no *ethos* nova era não tem fundamento científico, pois se trata de uma reinterpretação de elementos tomados emprestados da ciência e de saberes tradicionais, estes estão envoltos numa concepção mítica centrada no *self*. Assim, podemos dizer que o sistema médico da Nova Era parte de uma concepção psicologizada das doenças. Embora as enfermidades se expressem nos organismos físicos, a causação teria sempre uma referência metafísica. Diferente de muitas religiões, que assumem o caráter sobrenatural dessas explicações, o *ethos* nova era é adaptado à visão de mundo corrente na nossa sociedade. Trata-se de um discurso aparentemente científico, ou, como seus adeptos

tos costumam dizer, de uma nova ciência espiritualizada. Estamos diante, portanto, de uma representação de saúde-doença peculiar, relativa aos dias atuais e que tem repercussão e aceitação no meio social. É tendo por base essas concepções presentes no *ethos* nova era que podemos compreender muitas das práticas e atitudes dos indivíduos que buscam as terapias holísticas. As explicações etiológicas desse sistema se desenvolvem a partir das experiências práticas dos indivíduos envolvidos. Reorganizam-se constantemente a partir de novas sínteses e leituras realizadas por seus praticantes. Não estamos diante de sistemas fechados, mas sim de componentes que interagem o tempo todo, transformando-se mutuamente. Com isso, os sistemas estão em constante mudança, embora não deixem de comportar uma estrutura central que os define enquanto tais (MENDOZA, 2010).

Uma diferença marcante entre esses sistemas está na categoria principal elegida por cada um. O objeto central da biomedicina é a patologia e o corpo físico. Num sistema vitalista como o da Nova Era, o objeto é o sujeito doente e suas inter-relações. Assim, a categoria central passa a ser a pessoa, e sua abordagem é mais humanizada. Assim, pelo próprio discurso e prática do sistema médico da Nova Era, o indivíduo pode abandonar a medicina alopática.

Esse sistema médico alternativo se faz unificado na medida em que forma um todo coerente e pautado por alguns princípios compartilhados. As novas práticas e símbolos vão sendo socializadas no meio dos terapeutas que estão em busca de tratamentos alternativos à medicina oficial e que os capacitariam à saúde integral e holística. Isso se dá constantemente através de cursos, seminários, workshops etc. Constituem-se vínculos e intercâmbios entre os diferentes praticantes e terapeutas, numa ampla rede de trocas (MARTINS, 2015). Isso vai muito além do modelo formal de religiões ou denominações religiosas. Não há lideranças institucionalizadas, nem marcos doutrinários e normativos plenamente instituídos. Os terapeutas e praticantes desse sistema médico nova era costumam especializar-se em terapias específicas, como acupuntura, reiki, cromoterapia ou outras, mas nada impede que também conheçam e utilizem partes ou o conjunto de diversas terapias. O que faz sentido é a gramática que as une numa linguagem comum, o *ethos* nova era.

Os clientes desse sistema médico podem ser indivíduos bastante inseridos nos valores nova era, mas isso não é de forma alguma uma exclusividade. Da mesma maneira que na nossa sociedade complexa é possível conciliar diferentes sistemas médicos, é muito comum e esperado que um indivíduo convicto de suas crenças em uma religião tradicional qualquer procure ativamente por novos tratamentos terapêuticos. Tal fato se dá, principalmente, pela interiorização do *ethos* nova era, que vai muito além da rede de praticantes e buscadores dessa nova espiritualidade.

Os agentes das terapias nova era se apropriam de diferentes elementos tomados emprestados de culturas e tradições as mais diversas, mas essa linguagem que dá sentido a esses fragmentos não é exclusividade desse grupo relativamente pequeno. Há um caldo cultural que torna possível esses discursos alternativos

e que essas novas práticas desses terapeutas sejam aceitas, ou no mínimo, não sejam rechaçadas. Acabam sendo consideradas plausíveis de serem utilizadas, até porque a plausibilidade de determinado sistema de crenças é definida culturalmente, na dinâmica de diversos elementos psicossociais (e.g., MARTINS, 2015). Em última instância, são terapias que fazem bastante sentido nos dias atuais.

Sendo a Nova Era portadora e divulgadora de uma visão holística, tudo no universo está interligado e age mutuamente. O tratamento deve partir desse princípio, buscando a restauração da energia desarmonizada. Devido à ênfase da Nova Era na consciência, denominada por Hanegraaff (1996, p. 224-229) de psicologização da religião, a causação psicossocial é muito presente. Nessa perspectiva, um indivíduo enfraqueceria seu campo energético quando aprisionado ao *ego*, compreendido pelo apego que uma pessoa pode ter às questões materiais da sociedade individualista. Seu tratamento consiste na busca do seu eu verdadeiro, o *self*.

É praticamente impossível querer traçar uma lista de práticas médicas nova era, até porque não são as práticas o que define o sistema médico nova era. Na medida em que os componentes dessa bricolagem são o amplo depositário das mais diferentes tradições culturais, há sempre a possibilidade de uma nova invenção ou empréstimo de diversas origens, da criação de uma nova terapêutica que sirva como instrumento reconstituidor da ligação perdida entre o ser e o cosmos à adaptações, inclusive, de técnicas terapêuticas advindas das ciências da saúde, como da educação física, da psicologia, da fisioterapia etc.

Mais ainda do que simplesmente buscar tratamentos relativos às doenças, a perspectiva de saúde holística busca a prevenção. Um indivíduo pleno de energias positivas e alinhado com o cosmos seria um ser empoderado, detentor de uma saúde plena. Seu corpo não estaria separado de seu espírito. A tão almejada evolução espiritual seria alcançada também através da saúde.

## AS TERAPIAS HOLÍSTICAS EM SÃO PAULO E FLORIANÓPOLIS

As considerações teóricas até agora trabalhadas foram reforçadas por uma pesquisa realizada em 2018-2019. Buscou-se traçar um panorama das práticas utilizadas no universo da medicina complementar do sistema privado de saúde de inspiração novaerista nas cidades de São Paulo e Florianópolis. A escolha pelo sistema privado se deu pela consideração de que os terapeutas teriam maior liberdade para realizar as bricolagens culturais, visto que no sistema público segue-se uma política nacional a respeito destas práticas. Entre outros objetivos, a pesquisa procurou compreender o *modus operandi* efetivo dos terapeutas novaeristas. Os participantes foram terapeutas holísticos escolhidos por meio de amostragem por conveniência.

O primeiro desafio foi o de selecionar, dentre os possíveis alvos, os terapeutas de inspiração efetivamente novaerista, uma vez que, se perguntados, nem todos se consideram como tais, conforme observado no estado da questão. Além disso,

no mercado de terapias alternativas, há também terapeutas que seguem escolas tradicionais (p. ex. acupuntura, ayurveda, homeopatia etc.), tanto quanto terapeutas que buscam fundamentação na medicina baseada em evidências para as suas práticas. Assim, a seleção partiu de uma avaliação prévia da cosmovisão dos possíveis entrevistados, usando como base de comparação os principais conceitos da cosmovisão atribuída aos novaeristas (GUERRIERO *et al.*, 2016). Esses conceitos embasaram o desenvolvimento de um questionário de Escala Likert de mensuração de aderência ao *ethos* Nova Era. Vale ressaltar que as perguntas formuladas não entraram no mérito da visão de saúde e doença dos entrevistados. Aqueles que somaram mais de 70% da pontuação máxima foram considerados como aptos a serem entrevistados, desde que também se autodenominassem “terapeutas holísticos” e tivessem mais de dois anos de experiência ministrando cursos ou workshops sobre os conceitos usados.

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados nove participantes. O método de coleta foi a entrevista semiestruturada, com duração de cerca de 30 minutos. O método de abordagem foi qualitativo. Apresentamos, a seguir, alguns dos resultados parciais obtidos até então.

Todos os terapeutas entrevistados, em função da seleção prévia, têm uma visão holística do ser humano e de sua inter-relação com o todo. Em geral, eles se apoiam na ideia de que o ser humano é composto de quatro ou cinco níveis funcionais, que alguns chamam de corpos ou níveis de realidade. Esses níveis estão, de alguma forma, relacionados ao corpo físico, à energia vital, ao emocional, ao mental e ao espiritual. Alguns, inclusive, incluem elementos metaempíricos (anjos, espíritos, elementais etc.) que interagiriam com o ser humano.

Há uma relativa homogeneidade entre todos no que tange aos conceitos de saúde e de doença: a ideia de que o ser é composto de vários níveis (relacionados aos planos físico, emocional mental e espiritual) e de que deve existir certa harmonia ou equilíbrio em cada nível do ser e entre os diferentes níveis. Ademais, a causa da doença é o desequilíbrio. Essa harmonia é considerada importante para que o indivíduo possa se saudável, evoluir, alcançar seu objetivo de vida, sua missão etc.

Além disso, embora os diagnósticos sejam feitos de forma diferentes por cada terapeuta, e as práticas utilizadas sejam as mais variadas, percebe-se que todas elas têm a aceitação dos diversos entrevistados. Não há críticas a qualquer uma das terapias; elas são escolhidas em função da maior ou menor afinidade delas com as características, preferências e habilidades do terapeuta, e com as características do paciente.

Em geral, para a maioria dos entrevistados a doença ocorreria por um “desequilíbrio” em alguns desses níveis ou entre um nível e outro. Logo, o ser humano saudável seria aquele que está em “harmonia” ou “equilíbrio” em todos esses planos, o que alguns terapeutas relacionaram à capacidade de desenvolvimento de todo o potencial humano. O desequilíbrio poderia ocorrer desde o plano físico, em função, por exemplo, de algum acidente, má alimentação, ou fa-

tores genéticos, até o plano emocional ou mental, em função de emoções e pensamentos considerados negativos. O próprio sofrimento, em qualquer plano, é tido como um indício de doença. Partindo-se de uma perspectiva holística, os adeptos desse sistema tendem a perceber que não há uma única causa para a doença, pois essa envolveria vários aspectos da vida. A cura passa, portanto, pela consciência que esse indivíduo vai adquirindo de todos os elementos que interferem em seu bem-estar.

As razões espirituais, inclusive vidas passadas, podem interferir na saúde atual, e fazem parte dessa plêiade etiológica. A compreensão ou conscientização dessas ditas passagens por vidas anteriores é considerada por muitos terapeutas como um passo importante no processo de cura e, principalmente, na trilha do indivíduo rumo à sua evolução espiritual.

Uma questão importante que foi observada é que o desequilíbrio causador da doença deve ser tornado consciente, antes de tudo, pelo próprio paciente. A ideia de doença e de saúde envolve elementos objetivos e subjetivos. O papel do terapeuta é importante, mas ele é visto apenas como um guia ou facilitador do processo de cura da pessoa terapêutica. O importante é que o indivíduo alcance sua autopercepção, e só ele mesmo pode fazer isso. Ou seja, se o paciente não se sentir em harmonia consigo mesmo e com o ambiente, de alguma forma ele não estaria saudável, independentemente das técnicas terapêuticas utilizadas.

Assim como Amaral (2000) observou em sua pesquisa, os terapeutas por nós entrevistados também formam uma rede de trocas de experiência e conhecimento. Os cursos de terapias nesse meio são frequentes. Embora haja um alto grau de criatividade do terapeuta, existe um universo comum compartilhado. Os terapeutas possuíam diferentes formações profissionais, mas todos afirmaram que frequentavam cursos dos mais diversos sistemas terapêuticos, como reiki, jin shin jyutsu, técnicas meditativas, curas mentais, tigelas tibetanas, mesas radiônicas, acupuntura, shiatsu, danças circulares, arteterapia, geoterapia, aromaterapia, cromoterapia, medicina xamânica etc. Além disso, muitos deles disseram aplicar mais do que uma dessas técnicas. Assim, foi possível perceber que as práticas adotadas são bastante variadas, de origens culturais e históricas heterogêneas.

Houve uma terapeuta que alegou utilizar o jin shin jyutsu, uma antiga técnica de origem do leste asiático, bastante usada no Japão, que, segundo ela, “lembra um pouquinho a acupuntura”, só que utiliza as mãos para tocar nos pontos onde a energia poderia ficar estagnada. Além disso, ela a combina com o *magnified healing* e reiki para conectar o coração com a fonte universal de energia. Muitas vezes, a aromaterapia é combinada com o uso de remédios florais, associando a ingestão destes à sensação olfativa. Outro terapeuta relatou o uso de técnicas de mentalização rosacruziana e magia divina da umbanda sagrada. Esses são apenas alguns poucos exemplos do amplo espectro de terapias utilizadas.

## COMENTÁRIOS FINAIS

Podemos observar que no que tange às práticas médicas, existem diferenças notáveis de procedimentos. Essa rede terapêutica é composta por um conjunto de práticas que podem ou não ser usadas de forma complementar. No entanto, olhando a pesquisa em seus aspectos mais gerais, podemos afirmar que existe uma cosmologia comum a todos esses processos.

As práticas em geral são bastante individualizadas. Além da enorme gama de técnicas disponíveis, a possibilidade de se utilizar várias delas num mesmo tratamento produz um cardápio gigantesco de combinações, de modo a, teoricamente, garantir tratamentos personalizados, em função de seus sintomas, crenças e das habilidades, conhecimentos e preferências do terapeuta. Ou seja, de acordo com o *ethos* novaerista, o caminho da saúde é individual. A escolha do terapeuta e dos tratamentos a serem aplicados depende muito do tipo de crença compartilhada entre o paciente e o terapeuta, e da empatia entre ambos.

Por outro lado, essas práticas todas, embora baseadas em culturas diferentes e desenvolvidas em épocas distintas, apresentam em geral objetivos terapêuticos comuns: a harmonização de um ou mais níveis do ser humano, através da redistribuição da energia vital, da redução de emoções negativas, do reordenamento dos pensamentos, ou da religação com planos metaempíricos. Em todos os processos é afirmada a importância da atuação do próprio paciente, tanto no que tange à sua autopercepção na formulação do diagnóstico, quanto no protagonismo necessário ao reequilíbrio de seu estado.

Não deixa de chamar à atenção o fato de que terapeutas, com formações tão diferentes e que trabalham com fontes tão heterogêneas, consigam combinar essas práticas a partir de conceitos similares sem ter tido uma escola comum. Evidentemente o *ethos* presente na sociedade deve ter tido um forte papel na formação desses conceitos, na linguagem empregada e na formulação de seu discurso. Termos como “energia” e “holismo” são recorrentes. A esse propósito, Stern (2017, p. 201) comenta que “o holismo está no cerne do que Hanegraaff chama de ciência da Nova Era”.

Embora o *ethos* nova era sirva de base para a terapia, esta, por sua vez, reforça de forma empírica seus pressupostos, pois os processos empregados devem funcionar na perspectiva dos pacientes, uma vez que muitos deles retornam a seus terapeutas. Esse processo de realimentação é fundamental para a manutenção de toda a cosmovisão novaerista com seus ideais de crescimento pessoal e evolução da consciência.

## CONCEPTIONS OF HEALTH, CURE AND DISEASE AMONG HOLISTIC THERAPISTS IN SÃO PAULO AND FLORIANÓPOLIS

**Abstract:** *this article discusses the theoretical aspects related to the formation of the new era ethos and its influence on the conceptions of health, cure, and disease. We conducted field research between 2018 and 2019 in São Paulo and*

*Florianópolis. The collection method was semi-structured interviews with holistic therapists. We observed that this conception is marked by personal development and evolution of consciousness as a path to spiritual salvation. Besides, the search for harmony between body, mind, and spirit is one of the supposed requirements for this growth. It was found that this harmony is one of the main goals of the holistic therapies of the New Age.*

**Keywords:** *New Age. Energy healing. Holism. Spirituality. Health.*

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Leila. *Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. Petrópolis: Vozes, 2000.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70; LDA, 2009.

D' ANDREA, Anthony. *O sefl perfeito e a nova era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais*. Rio de Janeiro: Loyola, 2000.

DE LA TORRE, Renée. Los newagers: el efecto colibrí. Artífices de menús especializados, tejedores de circuitos en la red, y polinizadores de culturas híbridas. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 36-64, 2014.

GUERRIERO, Silas; MENDIA, Fábio; COSTA, Mateus; BEIN, Carlos; LEITE, Ana L. Os componentes constitutivos da Nova Era: a formação de um novo ethos. *Rever*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 10-30, 2016.

HANEGRAAFF, Wouter J. *New Age religion and western culture: esotericism in the mirror of secular thought*. Leiden: Brill Academic Publishers, 1996.

HANEGRAAFF, Wouter J. New Age spiritualities as secular religion: a historian's perspective. *Social Compass*, Louvain, v. 46, n. 2, p. 145-160, 1999.

HEELAS, Paul. *Spiritualities of Life: Romantic Themes and Consumptive Capitalism*. Oxford UK, Camden USA: Blackwell Publishing, 2008.

HEELAS, Paul. *The New Age Movement: the celebration of the Self and the Sacralization of Modernity*. Oxford: Blackwell Publ., 1996.

HEELAS, Paul; WOODHEAD, Linda. *The spiritual revolution: why religion is giving way to spirituality*. London: Blackwell Publishing, 2005.

LAPLANTINE, François; RABEYRON, Paul-Louis. *Medicinas paralelas*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MAGNANI, José G. *O Brasil da Nova Era*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MARTINS, Leonardo B. *Na trilha dos alienígenas: uma proposta psicológica integrativa sobre experiências ufológicas e paranormais*. Tese (doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MENDOZA, Diana Z. U. Abordaje de la Medicina Alternativa como sistema médico complejo en la Universidad Nacional de Colombia. *Revista de la Facultad de Medicina*, Bogotá, v. 58, n. 2, p. 155-156, 2010.

MINAYO, Maria C. de S. Abordagem antropológica para avaliação de políticas sociais. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 233-238, 1991.

PADEN, Willian. O perspectivismo no estudo da religião. In: HUFF JR., A.; RODRIGUES, R. (orgs.). *Experiências e interpretações do sagrado*. Interfaces entre saberes acadêmicos e religiosos. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 15-26.

STERN, Fábio L. *A naturologia no Brasil: histórico, contexto, perfil e definições*. São Paulo: Entre Lugares, 2017.

SUTCLIFFE, Steven. New Age, world religions and elementary forms. In: SUTCLIFFE, S. J.; GILHUS, I. S. (orgs.). *New Age spirituality. Rethinking Religion*. London; New York: Routledge, 2013. p. 17-34.